

Zyde.studios, Artwork: Courtesy of Tewasart Gallery/Artists

ENTREVISTA

MAPEAR AUSÊNCIAS, CRIAR PRESENCAS: OS CAMINHOS DA ARTE CONTEMPORÂNEA EM NAIRÓBI

FLÁVIO NOGUEIRA

ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

RESUMO: A entrevista com o curador independente queniano Thaddeus Wamukoya (Thadde Tewa) destaca os desafios e as possibilidades da cena da arte contemporânea no Leste Africano. A partir da experiência com a Tewasart and Patrons, Tewa aponta a necessidade de estúdios, residências, espaços públicos e políticas que sustentem artistas emergentes, hoje em grande parte dependentes de financiamento externo. Ele reflete sobre temas recorrentes nas produções atuais – identidade, deslocamento, memória e saúde mental – e sobre as desigualdades no acesso entre regiões do continente. Seu projeto *A Contemporary Art Affair: Emerging African Voices* busca ampliar a visibilidade de artistas emergentes, criar redes de circulação e angariar recursos para consolidar um centro físico em Nairóbi, fortalecendo a infraestrutura local e conectando-a ao circuito global.

PALAVRAS-CHAVE: arte contemporânea africana; curadoria independente; artistas emergentes; Leste Africano; Tewasart.

ABSTRACT: The interview with Kenyan independent curator Thaddeus Wamukoya (Thadde Tewa) highlights both the challenges and possibilities of the contemporary art scene in East Africa. Through his work with Tewasart and Patrons, Tewa emphasizes the need for studios, residences, public spaces, and policies to support emerging artists, who remain largely dependent on foreign funding. He reflects on recurring themes in current artistic practices – identity, displacement, memory, and mental health – and on the unequal access to international platforms across African regions. His project *A Contemporary Art Affair: Emerging African Voices* seeks to broaden the visibility of emerging artists, build networks of circulation, and raise resources to establish a physical art center in Nairobi, strengthening local infrastructure while connecting it to the global circuit.

KEYWORDS: contemporary African art; independent curatorship; emerging artists; East Africa; Tewasart.



Nairóbi, Quênia. Centro financeiro. Núcleo corporativo. Capital cultural do país. Cercada por fronteiras – Somália a leste, Etiópia e Sudão do Sul ao norte, Uganda e Tanzânia a oeste e sul. Nairóbi respira contradições: galerias ativas, museus, mas pouca estrutura pública para acompanhar sua energia; artistas que circulam pelo mundo, mas sem uma rede local capaz de sustentar essa projeção.

É nesse cenário que se insere a trajetória de Thaddeus Wamukoya. Conheci seu nome em 2021, durante a preparação de uma pesquisa. Escrevi a Lara Ray, da Polka Dot Art Gallery. A galeria já não existe, mas naquela época ainda era uma referência em Nairóbi. A resposta veio breve e com um contato que poderia me auxiliar. Foi assim que conheci o Thaddeus. Desde então, acompanho seus movimentos: primeiro, a galeria que fundou, a Tawasart Gallery; depois, os muitos gestos de trazer artistas à tona, de curar exposições, de iniciar projetos que respondem às urgências do Leste Africano.

Mais do que mostras pontuais, sua prática insiste em criar



Thaddeus Wamukoya (Thadde Tewa), ArtwThaddeus Wamukoya (Thadde Tewa); Artwork: Courtesy of the Artists/Tewasas

redes: conectar artistas, ideias e públicos; mapear lacunas; preencher espaços que, de outro modo, seguiriam com baixa possibilidade de reconhecimento institucional e de circulação ampliada. Uma curadoria que nasce em ateliês, próxima dos processos criativos, em contraste com a rigidez de parte das dinâmicas estabelecidas em Nairóbi.

Há algumas semanas, escrevi para ele sobre seu novo projeto: *A Contemporary Art Affair: Emerging African Voices*. Horas depois, recebi no e-mail uma apresentação clara no escopo, precisa na visão. Li devagar. Entre as linhas, era possível ver a estrutura oculta: ações, camadas, redes, aquilo que sustenta uma ideia antes de se tornar evento.

Para Tewa, esse projeto é mais que uma plataforma internacional: é também uma forma de financiar um sonho maior. Transformar a Tawasart em uma residência, um prêmio. Dar corpo sólido a uma cena que, até aqui, se equilibra entre resistência e o trabalho constante dos artistas e curadores locais.

Nas conversas, ele insiste: a dependência de recursos estrangeiros não é sustentável. É preciso trazer empresas, instituições e agentes locais para dentro do circuito. Do contrário, a cena seguirá vulnerável a agendas externas.

De sua fala emergem também os temas que atravessam a produção atual: identidade, deslocamento, memória, saúde mental. Não como tópicos isolados, mas como estruturas que sustentam o fazer artístico no Quênia.

Falamos sobre alguns contrastes que se impõem. Enquanto países do norte e do sul do continente africano, como Marrocos e África do Sul, contam com instituições consolidadas e maior presença internacional, o Leste Africano convive com projetos fragmentados, carência de base institucional e falta de continuidade.

Nairóbi, por isso, não pode ser lida somente como margem no mapa da arte. É também centro: lugar onde o futuro da arte africana insiste em ser pensado. Não pelas certezas, mas pela urgência de criar caminhos.

THADDEUS, VOCÊ FUNDOU A TEWASART AND PATRONS EM 2019, EM NAIRÓBI. O QUE O LEVOU A CRIAR ESSA PLATAFORMA?

Thaddeus: Comecei a Tawasart and Patrons em um momento em que havia muito poucas plataformas dedicadas a mostrar artistas contemporâneos jovens e emergentes da região do Leste Africano. A maioria das galerias estabelecidas focava em artistas já reconhecidos e, para expor o trabalho, muitas vezes era necessário ter as conexões certas ou um certo nível de reconhecimento local, ou internacional.

Naquele período, eu havia acabado de deixar o cargo de gerente de galeria em um espaço pequeno. Sentia que já tinha superado aquela posição e estava pronto para um novo desafio, explorar a cena artística de forma mais ampla. Inicialmente, eu não tinha a intenção de me tornar independente. Mas, após fazer trabalho voluntário em outras galerias e refletir sobre minha trajetória, percebi que poderia causar mais impacto por conta própria.

A decisão de fundar a Tewasart foi espontânea. Eu não tinha recursos, somente uma visão e um salto de fé. O resto, como se diz, é história.

E QUAIS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS O MOTIVARAM A TRABALHAR COM ARTE CONTEMPORÂNEA E, MAIS ESPECIFICAMENTE, COM ARTISTAS EMERGENTES DO LESTE AFRICANO?

Thaddeus: Minha primeira experiência com arte contemporânea foi em 2016, em uma pequena exposição *pop-up* em um café. Curada pela minha ex-empregadora, Lara Ray, da Polka Dot Art Gallery, foi ali que encontrei obras de artistas como Kaloki Nyamai, que, desde então, alcançou grande sucesso. Esse primeiro contato despertou algo em mim, acendeu uma chama que me levou a mergulhar mais profundamente na cena artística.

Passei a visitar mais ateliês, especialmente no GoDown Art Centre, no Kuona Artist Collective, no Brush tu Artist Collective, no Kobo Trust e no estúdio da falecida

Yony Waite, em Athi River. Poucos meses depois, entrei para a Polka Dot Art Gallery como assistente. Minhas responsabilidades cresceram, e passei de visitante regular a representante da galeria, buscando novos talentos e contribuindo com ideias para a programação. Além do suporte administrativo básico, sentia uma forte responsabilidade de conectar a galeria a artistas contemporâneos emergentes.

Esse é um compromisso que mantenho sete anos depois, ao lançar minha própria prática curatorial independente e plataforma. Gosto mais das visitas a ateliês do que do aspecto comercial da galeria; é somente nos estúdios que consigo explorar a arte contemporânea em sua essência. Foi também ali que tive algumas das conversas mais importantes. Acredito que os artistas são mais autênticos em seus ateliês do que nas galerias, durante aberturas. Nossas conversas variam do lado político da cena artística até os materiais empregados em seus processos criativos.

A maioria dos espaços de arte existentes em Nairóbi tem arranjos exclusivos que limitam o acesso mais amplo a artistas ou às suas obras. Isso me parecia particularmente restritivo para os artistas emergentes, que precisam de maior visibilidade para desenvolver sua prática. Quando lancei minha plataforma independente, meu objetivo era aumentar a acessibilidade para esses artistas contemporâneos emergentes.

E AGORA VOCÊ DEU MAIS UM PASSO: A CONTEMPORARY ART AFFAIR; O QUE ELA REPRESENTA AGORA EM PARTICULAR?

Thaddeus: Depois de muita introspecção, ficou claro para mim que o crescimento sustentável exige uma reestruturação significativa da Tewasart And Patrons (TAP) em uma plataforma maior e mais impactante. Com as mudanças globais atuais, especialmente no mundo das artes visuais, é crucial abraçar a transformação de mente aberta. Tendo alcançado minhas metas iniciais para a TAP, agora me desafio a sonhar mais alto.



Mujahid Alhadi, Courtesy of Tewasart Gallery/Artist

O futuro da TAP envolve um centro de arte físico, com um prêmio, um programa de residência e um espaço de galeria, funcionando como um polo colaborativo para artistas, curadores e colecionadores locais e internacionais.

A *Contemporary Art Affair* é o primeiro de uma série de eventos de arte contemporânea destinados a promover artistas africanos contemporâneos emergentes para um público mais amplo, ao mesmo tempo, em que serve como arrecadação de fundos para nosso sonho. O evento é pago, e apoiadores podem contribuir adquirindo obras disponíveis ou reservando ingressos, mesmo que não possam comparecer.

EM QUE CONSISTE A PROPOSTA CURATORIAL DE A CONTEMPORARY ART AFFAIR: EMERGING AFRICAN VOICES?

Thaddeus: Desde o título, a ideia de inclusão ressoa profundamente. Nairóbi tem potencial para sediar múltiplas plataformas globais de arte contemporânea, de bienais a feiras

de arte. No entanto, é irônico que, até hoje, não tenhamos sequer uma plataforma de padrão internacional que nos conecte ao circuito global.

Na minha experiência, quase três em cada cinco artistas quenianos aspiram a expor no exterior ou a serem representados por galerias estrangeiras, muitas vezes priorizando isso em vez de investir nos espaços e infraestruturas locais de que tanto necessitamos. Nossa dependência profundamente enraizada em financiamentos externos, ou essa “mentalidade de esmola”, nos impede de explorar novas parcerias, especialmente com o setor corporativo, que possui recursos e poder significativos para transformar a indústria.

As transformações que vimos no setor de tecnologia são perfeitamente possíveis também no campo da arte contemporânea. Mas, para isso, precisamos de colaborações significativas e de abertura a todos que tenham recursos e interesse em ajudar a cena a crescer. Este é um convite a todos que compartilham a

visão da TAP: juntem-se à conversa e descubram a arte contemporânea emergente que vamos apresentar.

O EVENTO DESTACA VOZES EMERGENTES DO LESTE AFRICANO, MAS TAMBÉM INCLUI ARTISTAS DE OUTRAS REGIÕES DO CONTINENTE. COMO VOCÊ EQUILIBROU ESSAS ESCOLHAS GEOGRÁFICAS E ARTÍSTICAS?

Thaddeus: Até a pandemia da Covid-19, a TAP trabalhava principalmente com arte contemporânea do Leste Africano, com foco no Quênia, Sudão, Uganda e, mais recentemente, Etiópia. Também trabalhei com algumas artistas mulheres de Ruanda.

As restrições de viagem durante a pandemia me levaram a explorar colaborações virtuais, especialmente por meio da minha rede no Instagram. Isso acabou abrindo conexões com artistas de diferentes regiões do continente. Minha primeira colaboração foi com Salvador Tomnyuy, um artista camaronês migrante baseado no Marrocos. Em 2022, apresentei o trabalho dele ao lado da queniana

Sheila Bayley e do ugandense Muramuzi John Bosco em uma exposição coletiva.

Em 2023, expandi a representação de artistas para incluir nomes da Nigéria e de Angola: Bridget Bibi Van Grieken (atualmente baseada em Molo, Quênia), Fasalejo Tobiloba (Ondo State, Nigéria) e Benigno Mangovo (Luanda, Angola). Também adquiri uma obra do artista nigeriano Wole Lagunju para um colecionador local. Além disso, colaborei em histórias com os artistas de Burkina Faso, Christophe Sawadogo e Olga Yaméogo, para minha publicação digital *Tewasart Africa*.

Uma das grandes lições do período da pandemia foi a importância da flexibilidade e da abertura a novas ideias. O maior desafio, ao trabalhar com artistas africanos contemporâneos, continua sendo o financiamento para mobilidade e os custos de envio de obras, especialmente em razão das taxas alfandegárias. Embora a maioria dos artistas envie seus trabalhos, seria fundamental que eles também pudessem estar presentes nas exposições.

HÁ UMA MENSAGEM POLÍTICA FORTE POR TRÁS DA PROPOSTA, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO AO ACESSO DESIGUAL QUE O LESTE AFRICANO ENFRENTA EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS REGIÕES DO CONTINENTE. COMO VOCÊ ENXERGA ISSO DENTRO DO CONTEXTO DO SISTEMA GLOBAL DE ARTE?

Thaddeus: Nos últimos sete anos, minha plataforma tem se dedicado a construir pontes e a conectar artistas emergentes a públicos mais amplos. É inspirador ver artistas contemporâneos da África Ocidental e Austral interessados em participar do que estou criando no Leste Africano. Embora eu não queira negar a eles essa oportunidade, isso só pode acontecer quando tivermos sistemas e infraestrutura capazes de tornar esses programas sustentáveis. Os países deles já contam com espaços, sistemas, infraestrutura e acesso a financiamentos de grandes instituições muito mais sólidos.

Minha posição continua sendo: é melhor abrir a cena local para os

mercados internacionais principais, de modo a fomentar crescimento. Enquanto aspiramos a estar no palco global, também precisamos investir seriamente em sistemas e infraestruturas locais mais consistentes. Nairóbi precisa de melhores estúdios de artistas, residências, mais espaços públicos de arte e museus de arte contemporânea – e, talvez mais adiante, feiras e bienais. Sei que isso parece um sonho distante sem alinhamento entre governo e setor corporativo, mas acredito que essas ideias precisam chegar às pessoas certas nesses espaços corporativos.

E QUAL O IMPACTO SIMBÓLICO E INSTITUCIONAL VOCÊ ESPERA GERAR COM ESSA INICIATIVA?

Thaddeus: Por meio de um programa de residência e de um prêmio de arte, meu objetivo é ampliar a visibilidade dos artistas contemporâneos africanos participantes. Nosso propósito é atrair investimentos corporativos significativos e patrocínio por meio de ações direcionadas. Este evento inaugural conectará artistas contemporâneos emergentes, curadores

e patronos de diferentes origens, promovendo redes de contato valiosas e colaborações artísticas.

EM SETEMBRO DESTA ANO, A BIENAL DE ARTE DE SÃO PAULO – UM DOS MAIS RELEVANTES EVENTOS DA AMÉRICA LATINA – INAUGURARÁ SUA 36ª EDIÇÃO. PELA PRIMEIRA VEZ, A MOSTRA CONTARÁ COM A CURADORIA DE UM AFRICANO, BONAVENTURE SOH BEJENG NDIKUNG, E TRARÁ UMA EXPRESSIVA REPRESENTAÇÃO DE ARTISTAS DO SUL GLOBAL. AINDA ASSIM, CHAMA A ATENÇÃO A AUSÊNCIA DE ARTISTAS DO QUÊNIA.

VOCÊ ACREDITA QUE AINDA EXISTE UMA HEGEMONIA DE CERTAS REGIÕES AFRICANAS NA REPRESENTAÇÃO DA ARTE DO CONTINENTE EM FEIRAS, BIENAIS E GALERIAS INTERNACIONAIS?

Thaddeus: Conheço o trabalho de Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, é admirável! Países como Marrocos e África do Sul contam com forte apoio cultural e respaldo financeiro de seus governos, além de grandes instituições culturais. Algumas dessas decisões são

claramente orientadas por interesses institucionais e pelo valor que esses países oferecem nesse cenário.

Para ser justo, não podemos realmente comparar o Quênia ou outros países do Leste Africano com eles. Marrocos e África do Sul, por exemplo, conquistaram muito ao longo dos anos, e acredito que é preciso tempo, recursos sérios e sacrifícios consideráveis para se posicionar nesse espaço.

O Quênia, por exemplo, tem um legado forte no atletismo, especialmente com corredores de maratona, e no rúgbi. É evidente que as organizações e corporações que apoiam essas áreas fizeram investimentos significativos, e existe uma estrutura robusta que permite a esses atletas prosperar. É uma realidade dura para o Quênia, ou para o Leste Africano, em geral, sonhar com plataformas semelhantes para as artes quando ainda enfrentamos tantos problemas estruturais e administrativos na nossa própria cena artística. Essa cena precisa primeiro crescer internamente para depois se expandir de forma global.



Mujahid Alhadi, Courtesy of Tewasart Gallery/Artist

É claro que não recebemos apoio suficiente do governo. A última vez que surgiu a ideia de um pavilhão queniano em Veneza foi em 2022. Esse pavilhão, intitulado *Exercises in Conversation*, apresentou o trabalho de quatro artistas quenianos: Dickens Otieno, Syowia Kyambi, Wanja Kimani e Kaloki Nyamai. Pareceu algo aleatório, e pouquíssimas pessoas da cena artística local sequer sabiam disso. Eu mesmo só soube por meio de um colecionador e fiquei surpreso ao descobrir que o Quênia tinha um pavilhão naquele ano. Esses são sinais claros de problemas estruturais e de planejamento deficiente. Se é realmente uma boa ideia, destinada a nos colocar no palco global, por que é gerida como uma iniciativa privada? Por mais que aspiremos a chegar a esse nível, há verdades duras a enfrentar, e precisamos repensar o que realmente queremos como região.

SEMPEDIR QUE FALE EM NOME DAS INSTITUIÇÕES, GOSTARIA DE OUVIR SUA LEITURA SOBRE O QUE ESSE TIPO DE SITUAÇÃO PODE INDICAR. COMO VOCÊ INTERPRETA MOMENTOS COMO ESSE, EM

QUE PARECE HAVER UM DESCOMPASSO ENTRE REPRESENTAÇÕES INTERNACIONAIS DE GRANDE PORTE E O ENGAJAMENTO LOCAL? O QUE ESSAS DINÂMICAS REVELAM SOBRE A FORMA COMO AS DECISÕES SÃO TOMADAS E SOBRE QUEM É INCLUÍDO OU EXCLUÍDO DESSES PROCESSOS? E, MAIS AMPLAMENTE, O QUE ISSO PODE DIZER SOBRE COMO A CENA ARTÍSTICA QUENIANA ESTÁ (OU NÃO ESTÁ) POSICIONADA NO PANORAMA CULTURAL GLOBAL?

Thaddeus: Isso reflete um padrão persistente de *gatekeeping* e a falta de sistemas robustos e bem estruturados de administração da arte dentro dos espaços e organizações existentes. Houve tentativas de criar associações de artistas para lidar coletivamente com os desafios do setor, mas essas iniciativas geralmente têm dificuldades em se manter no longo prazo.

Além disso, muitas representações e aparições internacionais são organizadas de forma privada, frequentemente movidas por

interesses pessoais, mas apresentadas como se fossem parte de uma agenda cultural nacional. Com pouco ou nenhum apoio governamental, esses grandes engajamentos internacionais são normalmente financiados por instituições estrangeiras, que podem impor seus próprios termos de participação. Essa dinâmica frequentemente deixa artistas locais e curadores independentes sem poder real de decisão e sem uma voz significativa.

VOCÊ ACREDITA QUE É POSSÍVEL CONSTRUIR SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA PARA PROJETOS DE ARTE INDEPENDENTES NO LESTE AFRICANO HOJE? QUAIS SÃO OS DESAFIOS MAIS URGENTES?

Thaddeus: É possível transformar a cena artística, mas isso exige algumas mudanças fundamentais. Primeiro, precisamos de mais espaços de arte e de estruturas administrativas mais sólidas nas galerias já existentes, acompanhadas de estratégias inclusivas.

Um obstáculo significativo é a forte dependência de financiamento estrangeiro, que pode comprometer a autenticidade artística. Algumas instituições chegam a alterar sua programação para se alinhar às expectativas dos financiadores, enfraquecendo sua missão central. Durante muito tempo, boa parte do financiamento da cena artística beneficiou indivíduos em vez da comunidade em geral.

Por exemplo, o Kuona Artists Collective e o Seven Artists Collective, em Nairóbi, possuem espaços subutilizados que poderiam ser o foco principal de instituições financiadoras estrangeiras. No entanto, sua gestão independente evidencia os desafios estruturais e administrativos persistentes.

É crucial que o setor de arte adote uma abordagem mais corporativa. Envolver agências de marketing para defender nossa pauta e formar parcerias com grandes empresas, como a Safaricom, é essencial. Embora instituições financeiras demonstrem algum interesse, o investimento que

destinam à arte é muito inferior ao que alocam para música e esportes.

Outro obstáculo ao engajamento corporativo é o foco excessivo de muitos espaços de arte no financiamento estrangeiro, o que frequentemente faz com que ignorem o apoio potencial de empresas locais. Adotar uma abordagem mais inclusiva para promover a arte contemporânea a um público mais amplo poderia mudar significativamente esse cenário.

COMO CURADOR, PENSADOR E PESQUISADOR NA ÁREA DAS ARTES, QUE REFLEXÕES, TEMAS, LINGUAGENS OU PREOCUPAÇÕES TÊM SE DESTACADO PARA VOCÊ NAS OBRAS QUE TEM REUNIDO NESSE TRABALHO CONTÍNUO E NA REDE QUE ESTÁ CONSTRUINDO? HÁ ELEMENTOS RECORRENTES OU SENSIBILIDADES COMPARTILHADAS QUE CHAMARAM SUA ATENÇÃO? PERGUNTO ISSO PORQUE ACREDITO QUE A ARTE DESEMPENHA UM PAPEL IMPORTANTE EM NOS AJUDAR A COMPREENDER O PRESENTE E GOSTARIA

DE OUVIR QUE TIPOS DE REFLEXÕES ESSES ARTISTAS EMERGENTES ESTÃO TRAZENDO PARA O CAMPO HOJE. O QUE LHE PARECE MAIS RELEVANTE NESTE MOMENTO?

Thaddeus: Identidade, migração e deslocamento continuam a ser centrais nos trabalhos que tenho encontrado, frequentemente entrelaçados a questões de lar e pertencimento. Muitos desses artistas também se engajam profundamente com temas de perda e luto, sejam pessoais ou coletivos, explorando como essas experiências moldam tanto a memória individual quanto as narrativas sociais.

O bem-estar mental surge com frequência, não como um tópico isolado, mas como parte de uma conversa mais ampla sobre resiliência e sobrevivência em contextos desafiadores. Paralelamente, há um interesse crescente nas paisagens e nos assentamentos urbanos, não somente como espaços físicos, mas como ambientes vivos que refletem realidades políticas, transformações

culturais e os ritmos cotidianos das comunidades que os habitam.

QUAIS PAÍSES DA REGIÃO VOCÊ SENTE QUE SE APROXIMARAM MAIS DO QUÊNIA NESSE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA CENA ARTÍSTICA EMERGENTE? HÁ TROCAS, REDES OU AFINIDADES ENTRE ARTISTAS DE PAÍSES COMO RUANDA OU ETIÓPIA? E COMO ESSAS CONEXÕES INFLUENCIAM O TIPO DE ARTE QUE ESTÁ SENDO PRODUZIDA?

Thaddeus: Penso que Sudão e Uganda. Uma comunidade vibrante de artistas sudaneses já existia em Nairóbi há algum tempo, e cresceu ainda mais desde a eclosão da guerra em Cartum. Admiro profundamente a resiliência deles – reconstruir após perdas tão profundas é incrivelmente difícil, especialmente para aqueles que perderam grande parte de suas vidas pessoais e criativas.

Sinto-me privilegiado por compartilhar uma conexão próxima com essa comunidade. Embora a adaptação a um novo país sempre traga desafios, a



Zyde.studios, Artwork: Courtesy of Tawasart Gallery/Artists

cena de arte contemporânea de Nairóbi acolheu muitos desses artistas. Embora ainda haja espaço para uma inclusão mais ampla, eles encontraram oportunidades significativas em espaços e programas artísticos já estabelecidos.

Os artistas ugandenses, por sua vez, há muito tempo veem Nairóbi como um mercado vital para seu trabalho. Todos os anos, eles participam de eventos como o *Affordable Art Show*, organizado pela National Museum Society of Kenya e pela Banana Hill Art Gallery, além de realizarem exposições independentes em espaços comerciais como o Village Market. Muitos também são representados por galerias de destaque na cidade.

Por sua vez, espaços como o 32° East, em Kampala – especialmente desde a inauguração de sua nova sede –, têm acolhido calorosamente artistas baseados em Nairóbi para se engajar com a cena de Uganda. Agora, eles também estão estendendo essa hospitalidade a artistas sudaneses, oferecendo a eles um espaço para trabalhar, se conectar e criar.



Zyde.studios, Artwork: Courtesy of Tewasart Gallery/Artists

SOBRE A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA: QUAL SERÁ O FORMATO? ELA ACONTECERÁ EM NAIRÓBI? QUANTOS ARTISTAS SERÃO SELECIONADOS?

Thaddeus: Como mencionei antes, a Tewasart and Patrons investe significativamente no aluguel de espaços para eventos *pop-up*, assim como em custos de transporte e alfândega – especialmente quando trazemos obras para exposições. Seguindo em frente, estamos explorando opções mais acessíveis para administrar melhor nossas despesas operacionais. Isso permitirá que possamos destinar parte do orçamento ao apoio de artistas emergentes de todo o continente, possibilitando que visitem o Leste Africano, produzam novas obras e se engajem de forma significativa com a cena local.

Para reduzir custos, estamos buscando ativamente colaborações com espaços e iniciativas de residência já existentes em Nairóbi, no condado de Mombaça e até em Lamu. Também estamos abertos a ofertas de apoio do setor corporativo.

A residência terá duração de 6 a 8 semanas, culminando em um evento de *open studio*. As obras criadas durante esse período serão posteriormente apresentadas em nossas exposições coletivas ou individuais. Como parte da participação, cada artista será convidado a contribuir com uma obra para um leilão beneficente futuro, que planejamos realizar anualmente para apoiar a sustentabilidade do programa.

O número de artistas que poderemos receber dependerá do financiamento disponível. Até o momento, já identificamos alguns nomes promissores que precisam urgentemente desse tipo de apoio.

COMO VOCÊ ENXERGA O FUTURO DA TEWASART AND PATRONS? HÁ PLANOS DE TRANSFORMÁ-LA EM UMA INSTITUIÇÃO, UMA ESCOLA OU TALVEZ ATÉ EM UMA BIENAL?

Thaddeus: Por agora, imaginamos um espaço físico colaborativo de arte e galeria, uma residência artística, um prêmio e o crescimento contínuo de nossa coleção particular. Enquanto

sonhamos com isso, esperamos estar envolvidos – ou mesmo iniciar – conversas significativas em torno do desenvolvimento de estruturas mais sustentáveis e de opções de financiamento que apoiem tanto os artistas quanto os principais agentes do ecossistema da arte.

Uma feira ou uma bienal não está fora de questão, mas reconhecemos que isso exigirá financiamento adequado e estruturas sólidas para garantir sustentabilidade a longo prazo.

NO CONTEXTO URBANO DE NAIRÓBI E DE OUTRAS GRANDES CIDADES DA REGIÃO, COMO VOCÊ PERCEBE O PAPEL DA ARTE NA VIDA COTIDIANA? EXISTEM ESPAÇOS QUE PERMITEM ENGAJAMENTO PÚBLICO, CONVERSAS E APROPRIAÇÕES COLETIVAS DAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS?

Thaddeus: Em Nairóbi e em outras grandes cidades da região, a arte desempenha um papel vital na configuração da vida cotidiana. Ela atua como plataforma de construção comunitária, de afirmação de

identidades e de recontar histórias locais de maneiras que desafiam as narrativas oficiais.

Muitas práticas contemporâneas também funcionam como formas de comentário social e ativismo, abordando questões políticas e culturais urgentes, ao mesmo tempo, em que promovem o diálogo entre públicos diversos. A conscientização sobre saúde mental se tornou outro fio importante, com artistas utilizando seu trabalho para abrir conversas que frequentemente são negligenciadas no debate público.

FLÁVIO NOGUEIRA

Pesquisador, jornalista e doutorando no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (USP), instituição onde também concluiu o mestrado (2024). É especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC/USP), 2021. Com passagens por instituições de pesquisa no Brasil e no exterior, realizou imersões nos circuitos artísticos de Cidade do Cabo (África do Sul) e Adis Abeba (Etiópia), onde acompanhou exposições, encontros e produções de artistas contemporâneos. Tem colaborado com projetos que exploram as conexões entre materialidade artística, práticas de cura e modos de reinscrição simbólica, especialmente em obras produzidas no continente africano e em suas diásporas.